

---

## A REGIÃO DO NORTE FLUMINENSE E A ALFABETIZAÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO CONTINUADA

---

Jackeline Barcelos Corrêa\*\*  
Amaro Sebastião de Souza Quintino\*\*\*

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de abordar elementos conceituais e preocupações que permeiam uma proposta de educação patrimonial, cuja abordagem metodológica busca integrar a escola e seu meio, pelo viés da democratização do acesso aos bens culturais de uma comunidade, tendo como sujeitos sociais do processo, alunos da educação fundamental de escolas públicas do Norte e noroeste fluminense do Estado do Rio de Janeiro. A metodologia que nos amparou foram as do Tripp (2005) além dos estudos teóricos de Cosson, (2006); Fiorin, (1998); Lajolo, (2001), entre outros. Sendo assim, os resultados da pesquisa aponta que é possível inserir o sujeito na sociedade agregando valores, só é possível a partir de uma alfabetização cultural.

**Palavras-chave:** alfabetização cultural. linguagens em trânsito. formação continuada.

### Introdução

O processo de democratização do ensino possibilitou a entrada de diferentes tipos de alunos no contexto universitário, acarretando mudanças no perfil do aluno que ingressa na universidade. Fato que, suscitou muitas discussões e pesquisas, uma das questões recai sobre a má formação que os alunos recebem na educação básica.

Nesta pesquisa ressaltamos que, aprender a escrever não significa apenas dominar ortografia e pontuação, mas escrever textos coerentes com os diferentes propósitos comunicativos. Nesse aspecto, o desenvolvimento da linguagem escrita na universidade ocorre porque uma série de problemas de ensino-aprendizagem da formação básica está sendo resolvida no ensino superior a partir da formação dos professores que se completa na formação continuada.

Neste trabalho buscamos destacar que essa formação continuada contemple a alfabetização cultural na formação de professores para que os mesmos viabilizem um currículo multicultural.

---

\*\* Mestre em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, jack.barcelos1@hotmail.com.

\*\*\* Pós Graduado em Orientação Educacional, Universidade Estadual do Norte Fluminense, amarotiao@yahoo.com.br.



O processo educacional implica em optar por uma organização que garanta o atendimento de certos objetivos julgados mais valiosos que outros. As propostas devem ser elaboradas a partir de uma reflexão sobre a realidade da criança, o meio social onde ela e sua comunidade vivem. Não podemos ignorar os desejos conflitantes e suas necessidades.

### 1. Pressupostos teóricos

Esse contato com a própria cultura e com a cultura do outro é que viabiliza a compreensão do que é necessário para conhecerem melhor suas características, e poder compará-las. Isto implica tornar a criança um ser social, isto é, um ser, que à medida que compreende a existência do outro e da cultura, compreende melhor o mundo no qual está inserido. Por isto se faz necessário o contato de materiais didáticos específicos para cada região, que proporcione o contato inicial da criança.

Nos seus estudos, Regina Zillberman ressalta como esse contato é de suma importância:

a leitura dos livros infantis como vem sendo realizada em sala de aula não se associa ao objeto que provoca a obra de ficção, com suas propriedades, tal com a de estabelecer, com o leitor, uma relação dinâmica entre a fantasia presente encontrada no texto e o universo do imaginário. Este percurso, que talvez consista no significado do ato de ler enquanto possibilidade de fazer interagir imaginário e raciocínio, fantasia e razão, emoção e inteligência, acaba por ser interrompido - ou ao menos insuficientemente vivenciado -, quando se sobrepõem a ele finalidades suplementares, tida como superiores e não mais diretamente relacionadas à leitura. (ZILBERMAN, 2000, p.11)

O simples ato de contar uma história faz com que ela seja preservada do esquecimento criando-se a possibilidade de ser contada e recontada de outras maneiras. O sentido das histórias só se constrói com o olhar do outro, nas relações com outras histórias, com a marcação do tempo que a história acontece.

Com essa produção estimulada nas escolas, desde o início da escolarização, poder-se-á contribuir com a superação deste medo de errar ao narrar ou escrever um conto, um fato, um acontecimento local, ou até mesmo um texto.

É necessário compreender a cultura popular, suas tradições com o seu mérito histórico de conhecimento e acreditar que por meio da literatura na escola, o professor passará de uma forma praticamente desconhecida para uma prática democrática que busca contemplar as vivências, tradições locais.

Este estudo assume como objetivo geral atribuir maior importância à cultura local, buscando romper com a abordagem reducionista, ligada apenas as funções literárias mecânicas, reprodutoras e sem significado para as crianças. Durante a pesquisa destacamos que as informações sobre a cultura local e manifestações culturais precisam chegar à escola.



A justificativa deste estudo incide na necessidade de serem criados materiais pedagógicos em sala de aula, para que os professores possam motivar os alunos a conhecerem suas histórias locais e as histórias de seus antepassados que contemplem as questões ambientais e culturais de cada comunidade.

A região é riquíssima em tradições, lendas, contos, e se fazem necessários a construção e reconstrução da história local de São João da Barra e Campos dos Goytacazes, que são municípios do Estado do Rio de Janeiro, suas influências e de suas particularidades, uma percepção corroborada por Lajolo:

lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode e nem deve se findar nela. (LAJOLO, 1997, p. 7)

Nos dias atuais, é possível inserir o sujeito na sociedade agregando valores, só é possível a partir de uma alfabetização cultural, de uma educação literária eficaz. O resgate da leitura de mundo e da própria vida destacada neste trabalho, que permitirá ao aluno a refletir sobre suas raízes, sobre o seu pertencimento. A literatura, a história, a geografia, transforma o ser humano em um ser comprometido com a sua existência, com a sua criticidade e como ele pode fazer a diferença em sua comunidade.

Esse é o grande desafio que pode e deve ser proposto pelo professor aos seus alunos. Apresentar sua cultura na escola, oportunizar as reflexões a cerca das temáticas vividas por seus antepassados, sobre como viviam, onde moravam... etc. Só assim poderão juntos ultrapassar barreiras e experiências diversificadas que a literatura pode oferecer. Essa articulação da cultura popular com a escola e para a escola.

Todas as instituições responsáveis pela Educação Superior devem ser envolvidas nos processos da formação continuada do educador. Cumpre, no entanto, dediquemos aqui atenção especial às responsabilidades específicas da universidade em uma formação total e não apenas parcial. A escola da educação do educador, à universidade não é atribuído apenas o processo formativo formal, mas também no processo que até então não está formalizado.

A escola precisa ser promotora, dar continuidade e propiciar-lhe as rupturas exigidas pelo exercício da profissão na concretude das exigências renovadas, mas nas experiências comuns dos hábitos e costumes do indivíduo.

A incorporação da temática regional na formação inicial e continuada pode possibilitar muitas reflexões a partir da realidade local, pode também contribuir com a construção de uma nova cidadania e considerando a realidade regional e mundial, buscando-se, por meio da educação e para



o objetivo da educação despertar a sensibilidade da comunidade escolar sobre a importância de provocar as mudanças para valorizar e entender os sinais e registros do passado, afim de que estes se constituam pontos de relação e constituição de identidade e pertencimento.

Estudar a cultura regional por meio dos cursos de formação continuada além de resgatar nos professores um sentimento de pertencimento e identidade serve também para que o valorizem, abordem-no em sua prática profissional envolvendo outros sujeitos e conseqüentemente estimulando sua preservação e despertando interesses pela temática.

A alfabetização cultural regional inserida na educação infantil deve ser entendida como todo processo de trabalho educacional que vai tratar da cultura de um povo desde muito cedo, sendo este produto de uma comunidade que com ele se identifica e que deverá cuidar para garantir sua permanência e vitalidade destacando seu lugar e sua importância.

Refletir sobre a cultural regional nos cursos de formação continuada pode levar a construção de consciências mais críticas, o pequeno leitor de hoje será o multiplicador da sua cultura amanhã.

A multiplicidade cultural do povo brasileiro está em constante mudança, e a escola precisa está aliada ao processo de inserção do fenômeno cultural. Graças à miscigenação das diferentes matrizes foi possível ter uma população heterogênea: rica, criativa e com as características de nosso país. Embora os fatos comprovem que nem sempre reconhecemos a sua importância. Um dos fatores agravantes é a falta da relação da escola com a cultura regional.

Nossa formação social é composta de uma vasta pluralidade cultural, que expressa diferentes maneiras de viver e de expressar suas emoções e sua arte. Ao mesmo tempo, tem uma história marcada de discriminações, de preconceitos silenciados.

A escola não pode se omitir e se fazer de indiferente às experiências dos alunos com a cultura mediada pelos veículos de comunicação, nem desprezar e esquecer a originalidade do saber popular. Ela precisa cumprir o seu papel de articuladora, no sentido de oferecer possibilidades proporcionando as ferramentas necessárias para que o aluno possa desenvolver sua autonomia, criticidade e liberdade de se expressar diante das diferentes tendências.

Uma das finalidades fundamentais da intervenção curricular é preparar os alunos para serem cidadãos críticos e ativos, membros e solidários e democráticos de uma sociedade democrática e solidária. Uma meta neste sentido exige que a seleção dos conteúdos do currículo, os recursos e as experiências oriundas do cotidiano escolar e as aprendizagens que as crianças trazem que caracterizam a vida nas salas de aula, as formas como são construídos os conhecimentos vividos extramuros da escola, sejam considerados.



A escola precisa desenvolver e preservar essas culturas negligenciadas, para que a criança tenha a capacidade de desenvolver suas potencialidades e demonstrar como ele vive em sua comunidade, a criança tem esse direito e precisa ser respeitada. A literatura regional popular se apresenta como vozes ausentes na seleção da cultura escolar.

As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas para anular suas possibilidades de reação [...] (SILVA, *Apud* SANTOMÉ, 1995, p.161)

A literatura possui uma função maior de tornar o mundo compreensível transformando materialidade em palavras de gestos, cores, odores, saberes e formas que são intensamente humanas. Ela tem e precisa ter um lugar especial no âmbito escolar, para que a mesma cumpra o seu papel socializador e humanizador.

Aprender a ler e ser um leitor, ser alfabetizado culturalmente são muito mais do que adquirir habilidades, ser leitor ultrapassa um hábito ou uma atividade e vai além, é lendo que o leitor reflete sobre suas práticas sociais que medeiam as relações humanas.

Os projetos curriculares emancipadores, destinados aos membros de uma sociedade democrática e progressista, tem o dever de compreender e sugerir processos de ensino e aprendizagem de acordo com as culturas locais, também deve propor metas educativas e blocos de conteúdos culturais que contribuam para uma socialização crítica.

Por meio das práticas escolares inovadoras dos conhecimentos, dos valores que, de uma maneira explícita ou oculta, são acumulados, as crianças vão se sentindo pertencidos a uma comunidade. Aos poucos vão se identificando com laços que as unem como grupos. Descubrem que algumas características físicas, idiomas, históricas, geográficas, costumes e modos de pensar as quais elas comungam e ao mesmo tempo vão tendo uma visão que existem outros grupos com outras maneiras de pensar e de ser.

A finalidade da intervenção curricular é a de preparar os alunos para a cidadania, criticidade, solidariedade e democracia. Essa meta exige que a seleção dos conteúdos do currículo, as experiências dos cotidianos escolares, as formas de avaliação que promovam a construção dos conhecimentos, atitudes e normas e valores necessários para a constituição do cidadão. São essas experiências culturais locais que precisam ser contempladas.

Os conteúdos escolares que estão sendo desenvolvidos nas escolas são enfatizados nas propostas curriculares, atenta a arrasadora presença das culturas que chamamos de hegemônica. Santomé discute em sua obra *Alienígenas de sala de aula*



As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários, e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder, que costumam ser silenciados, quando não estereotipados e deformados, para anular suas possibilidades de reação. (p.131)

Entre essas culturas ausentes destacam-se as culturas espanholas, infantis e juvenis, idosos, homossexuais, pobres, deficientes entre outros. São culturas negadas e de pouca atenção.

A escola precisa ser ética nos conhecimentos e nas relações sociais, deve promover em suas práticas cotidianas a análise de como e por qual motivo que surgem as discriminações, como é importante ter respeito às diferenças coletivas e individuais, ser um espaço realmente democrático onde todos possam compartilhar seus saberes, suas experiências. É preciso chegar a níveis maiores de reflexão em torno das normas e procedimentos que permeiam as práticas escolares e o que os conteúdos abarcam.

O Currículo agora passa a ser a soma de todo o tipo de aprendizagem e de ausências que os alunos adquirem como consequência de sua escolarização. Stenhouse (*Apud SANTOMÉ, 1994, p.27*), grifa que uma coisa é o currículo considerado como uma intenção um plano ou uma prescrição que explica o que desejaríamos que ocorresse nas escolas e outra o que existe nelas, o que realmente ocorre no seu interior.

O currículo elaborado contemplando à realidade local deve propor para os alunos os seus próprios materiais pedagógicos, que na maioria das vezes pode e deve ser feito com a mediação do professor como incentivo à pesquisa em sala de aula, ou ser feito pelo próprio professor.

O currículo real se desenvolve na prática, com elaboração intermediária que é a que aparecem nos materiais pedagógicos, no caso os livros didáticos. É como se apresenta à cultura para professores e alunos. É necessário que criem materiais, com o objetivo de revisar e explorar conteúdos dos mais diferenciados, buscando contemplar diferentes culturas.

A escola não opera no vazio, e sim em conhecimentos prévios, com crenças, valores, atitudes e comportamentos já estabelecidos. Neste sentido o currículo extraescolar já possui uma posição ativa, diante da multiculturalidade pelas influências da mídia, da imprensa, das crenças e valorização dos diferentes povos e das diferentes religiões ou culturas.

Sacristán (2000, p.90), busca ressaltar o valor e a força do currículo extraescolar propondo aos educadores (...) “moderarem as expectativas de seu poder de intervenção a partir da escola, fazendo com que a expectativa multicultural seja formulada a partir de coordenadas mais amplas que as do currículo escolar”, propondo também estratégias didáticas que vinculem o conhecimento escolar relativos aos temas de origem à escola.

O conceito de multiculturalidade se atribui a significados diversos que sugerem desafios e possibilidades desiguais para o ensino. A educação multicultural deve ser pensada com instrumento



para reduzir preconceitos de uma sociedade com minorias étnicas; formulada com programas de diferentes, para diversos setores culturais.

O rótulo do currículo engloba dois tipos de atuações básicas como o programa de práticas direcionadas para melhorar o rendimento escolar de grupos étnicos ou de imigrante; e a atividade e formulação direcionada a propor um conhecimento, a todos os estudantes dos grupos étnicos menores, com o objetivo de estimular a compreensão e tolerância entre grupos culturais, estimulando uma visão não etnocêntrica do mundo.

Segundo Lynch, (*Apud* SACRISTÁN, 1989) essa visão transcultural como filosofia educativa teria os seguintes objetivos: desenvolver empatia entre os seres humanos, compreendendo a diversidade e a similitude, as diferenças e interdependências, e desenvolver compromisso visando combater preconceitos e discriminações, favorecendo a solidariedade, o respeito aos direitos humanos internalizar normas morais de comportamento no mundo pluricultural.

Sacristán destaca dois fundamentos desiguais que interferem nos programas multiculturais: a integração das minorias sem eliminar a cultura de procedência, fazendo-o num sistema de escola com o currículo comum que leva isso em consideração, é uma medida preventiva para aliviar o fracasso escolar, e por outro lado uma motivação ética e democrática pelo respeito a outras culturas e pela escolarização de seus membros

a pretensão de proporcionar a todos uma visão multiétnica e transcultural pode ser vista tanto pela cultura dominante como pelas minorias segregadas, como uma ameaça a identidade que creem dever preservar” [...] “o multiculturalismo com o, pluriculturalismo é uma espécie de relativismo que elimina a identificação do próprio grupo. (SACRISTAN, 2000, p.93)

O multiculturalismo coloca em estados plurinacionais, quando houve migrações do campo para a cidade, ou quando em uma mesma escola confluem populações de religiões ou línguas diferentes. Assim o pensamento educacional terá que articular perspectivas que contemplem origem histórica, realizar uma análise crítica de como a escola pode atender à diversidades em suas práticas pedagógicas.

O conflito cultural se torna evidente quando se juntam, ou colidem duas culturas mas (...) “é interno a qualquer cultura, desde que tenha a complexidade média” (SACRISTÁN, p.96). São essas diversidades entre as culturas a partir da constatação, que se coloca o currículo multicultural.

A intenção da multiculturalidade é o de sensibilizar as pessoas de algumas condições do currículo dominante, relacionadas com o multiculturalismo interno á cultura e seu reflexo no ensino



dos indivíduos. A falta de representatividade cultural do currículo escolar reflete a desigualdade de seleção de conteúdos multiculturais.

Quando se seleciona conteúdos se excluem outros. Os conteúdos selecionados dificilmente têm o mesmo significado para cada um, oportunidades diferenciadas e na incapacidade da cultura da escola de permitir que os alunos compreendam melhor o mundo a sociedade a qual estão inseridos.

Os educadores e o currículo por extensão-que rejeitam conhecer a cultura popular como uma base de conhecimento que eles possuem, eliminando assim a possibilidade de desenvolver uma pedagogia que ligue o conhecimento escolar com as diversas esferas que ajudam a construir a vida cotidiana. (GIROUX, *Apud* SACRISTÁN, 1989)

A escola dominante não é multicultural, no que se refere à cultura oferecida pelo currículo é, antes unilateral, no que se refere a oportunidades de desenvolvimentos das diferentes capacidades do homem. A cultura escolar enfatiza o intelectual em detrimento ao social, ao afetivo, a estética, a motora manual ou ética dos alunos. Os padrões de exigências de tarefas acadêmicas restringem possibilidades dos menos favorecidos que na maioria das vezes, requer de equipamentos tecnológicos que são comuns a todos.

Sacristán sugere soluções como a introdução de unidades específicas de conteúdos, dedicado a países, crenças e culturas distantes do próprio, sugere a modificação na área curricular que parece mais propícia à introdução de elementos interculturais.

No entanto, o currículo multicultural necessita de coerência com os valores da sociedade democrática, que respeite a pluralidade cultural representada por diversos interesses da sociedade, e que promovam a construção de conhecimentos.

Na maioria das escolas de nosso país não se valoriza e não se trabalha a realidade cultural das crianças, a literatura regional é silenciada por questões diversas e os professores ficam com essa lacuna em sua formação.

O professor é a ponte que irá estabelecer a comunicação entre o conhecimento que identifica o aluno e que pode fazê-lo compreender quem é ele enquanto pessoa e pertencido ao seu grupo social.

## 2. Metodologia

Depois da leitura de várias metodologias existentes neste universo definimos a pesquisa e ação com mais pertinente e coerente. A pesquisa-ação, em essência é um dos inúmeros tipos de



investigação-ação. Investigação-ação é “um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito desta prática” (Tripp, 2005). Percebemos aí a proximidade com Paulo Freire (1999), quando afirma que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um corpo no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE,1999, p.32)

Toda a pesquisa sobre investigação-ação ocorre de forma cíclica, cujos ciclos de investigação-ação se concretizam em quatro etapas: planejar, agir, descrever e avaliar, sendo as duas primeiras etapas relacionadas á ação e as duas últimas à investigação.

### 3. Análise de dados

Durante o trabalho de campo, pudemos perceber que parte do conhecimento histórico intangível, que é o conhecimento popular não está disponível nas bibliotecas das escolas.

Observamos que existe pouco interesse dos professores como usuário desse conhecimento. A disseminação da cultura popular pode ser implementada com mais incentivo á leitura e com maior divulgação. Mas se não houver em contrapartida o interesse não haverá mudança significativa na concepção desse professor. Há um problema crônico na formação cultural da população, com as escolas que não incentivam a busca por esse conhecimento local.

Os professores não possuem o hábito da leitura e não conseguem ensinar o que não conhecem. Na verdade não o hábito da leitura regional não é comum por uma série de razões. Existem diferentes possibilidades de atividades culturais que podem ser trabalhados na escola, desenvolvendo peças teatrais, fazendo comparações de antigas histórias com a atualidade, da narrativa de um fato do cotidiano sem fugir dos objetivos pedagógicos. Esse resgate cultural tem suas raízes e seus sentidos, que deve ser problematizada e estimulada desde cedo na escola.

Esse resgate cultural tem suas raízes e seus sentidos, que deve ser problematizada e estimulada desde cedo na escola e na família, é durante essa trajetória que o indivíduo se insere a sua cultura. Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, a escola tem a capacidade de selecionar diferentes esquemas intelectuais e linguísticos para que possamos fazer determinadas escolhas. Os fatos mostram estruturas pedagógicas destes esquemas linguísticos e intelectuais e como foram incorporadas inconscientemente ao longo do tempo em cada aluno. Esses esquemas deixam marcas



muito claras, sinais incorporados que identificam as trajetórias percorridas no curso das aprendizagens dos indivíduos

Os esquemas intelectuais e linguísticos organizam um espaço balizado, evitado de sentidos obrigatórios e sentidos proibidos de avenidas e impasses: no interior deste espaço, o pensamento pode manifestar-se com o sentimento da liberdade e da improvisação porque os itinerários de antemão esboçados que deverá seguir, são os mesmos que já foram antes diversas vezes percorrido no curso das aprendizagens escolares. (BOURDIEU, 1999, p.215)

Professores e alunos não podem ficar inertes e apenas criticar a banalização cultural. Se nós almejamos uma escola justa integradora é necessário, que se tenham mais conscientização dos indivíduos, valorizando sua procedência e auto afirmando a sua identidade senão ela estará promovendo a negação de si.

Deste modo, nossos espaços educativos se convertem em espaços violentos de negação de si, de desvalorização multicultural. É na escrita e na leitura de textos literários que encontramos o senso de nós mesmos e o sentimento de pertencimento da comunidade a que pertencemos. A literatura revela o que somos e nos incentiva a desejar o mundo por nós mesmos. E isso acontece porque a literatura é uma experiência a ser realizada. A literatura tem um sentido muito mais amplo.

Logo, situar a escola como parceira direta para a solidificação deste processo temático é de suma relevância, pois é nesta que se compreende e se assimila valores e conhecimentos colocados em prática no dia-a-dia e na integração do aluno, escola e comunidade através de sua cultura local.

Sendo assim, não compreendemos o motivo pelo qual a cultura popular não faz parte dos conteúdos pedagógicos da Educação Infantil e na Educação Fundamental, etapa que as crianças expressam sua cultura através de seus movimentos corporais, de suas curiosidades para que tenham sentimento de pertencimento com a cultura local.

### Considerações finais

Este trabalho busca defender o preparo dos professores e a formação continuada no que se refere à literatura popular que não é mediada nas escolas para que esses se deem conta de seus papéis sociais no momento em que a própria cultura é um jogo de poder e ideologia, e é por esse motivo que esse conhecimento é banalizado e não chega às salas de aula e por sua vez não chega aos Cursos de Formação de Professores.

Sendo assim, muito poderíamos falar ainda sobre esse universo de manifestações culturais locais da cidade de Campos dos Goytacazes e São João da Barra, seja na música, na literatura, nas comemorações festivas e nos hábitos e costumes tradicionais do povo, ressaltando a Cavallhada de Santo Amaro, a procissão do fogaréu, dos jogos de jongos, os doces tradicionais entre outros.



A incorporação da temática literatura regional na formação inicial e continuada pode possibilitar muitas reflexões a partir da realidade local, pode também contribuir com a construção de uma nova cidadania e considerando a realidade regional buscando-se, por meio da educação e para o objetivo da educação despertar a sensibilidade da comunidade escolar sobre a importância de provocar as mudanças para valorizar e entender os sinais e registros do passado, de suas histórias, de suas demarcações geográficas, afim de que estes se constituam pontos de relação e constituição de identidade e pertencimento.

Quando lidamos com os saberes tradicionais raramente os mesmos são registrados no papel, neste caso a grande fonte de pesquisa é o conhecimento que é transmitido de gerações em gerações.

Sendo assim, o professor ao trabalhar a literatura na escola, deve pensar na organização das ações que desafie o aluno, sua compreensão, seu entendimento do texto em conformidade com a realidade que o cerca, realizando ligações, inferências relevantes e indispensáveis à convivência múltipla, seja com outras pessoas, consigo mesmo ou até mesmo com o texto literário. “Assim, a partir da sua construção pessoal e coletiva que ocorre durante o acesso de apropriação do conhecimento, esses sujeitos poderão estabelecer uma leitura crítica do meio social e interagir para a transformação.” (BRASIL, 2006, p.12)

A cultura de um povo por ser viva exige uma constante pesquisa e atualização merece seu lugar de fato e todo esse saber pode ser consolidado nas escolas e nas universidades, para que o professor se sinta mais seguro e ao alcance desses conhecimentos até então tão esquecidos.

#### LEARNING TO TEACH REGIONAL NORTHERN FLOWERING CULTURE AND CULTURAL LITERACY IN CONTINUED TRAINING

##### Abstract

This article aims to address conceptual elements and concerns that permeate a heritage education proposal, whose methodological approach seeks to integrate the school and its environment, through the bias of the democratization of access to the cultural assets of a community, having as social subjects of the process , Elementary school students from public schools in the north and northwest of the State of Rio de Janeiro. The methodology that supported us were those of Tripp (2005) besides the theoretical studies of Cosson, (2006); Fiorin, (1998); Lajolo, (2001), among others. Thus, the research results point out that it is possible to insert the subject in society by adding values, it is only possible from a cultural literacy.

**Keywords:** cultural literacy. languages in transit. continuing education.



## Referências

BOURDIEU, Pierre, *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, 1999.

BRASIL. *Ministério da Educação. Documento base-programa de integração e da Educação Profissional e técnica de nível médio ao Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos- PROEJA*. Brasília: SETEC, 2006.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’S – (COEDI-MEC, 1998).

BRASIL, *Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (RCNEI)* (COEDI-MEC, 1998).

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. *O que é literatura*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Educación y Sociedade*, 1992, tradução Tomás Tadeu e Silva. In *Territorios contestados*, Petrópolis: RJ Vozes, 1995.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática* / trad. Ernani F. da F. Rosa - p.115-163, 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOMÉ, Jurjo Torres, *Alienígenas de sala de aula*; In *As culturas negadas e silenciadas no currículo*/ TOMAZ Tadeu da Silva (org) Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*, Translated of the Lólio Lourenço de Oliveira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2015.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.

